



IRIE JONES: UMA HEROÍNA CONTEMPORÂNEA EM *DENTES BRANCOS*, DE ZADIE SMITH

IRIE JONES: A CONTEMPORARY HEROINE IN *WHITE TEETH*, BY ZADIE SMITH

Juliana Mara Rosado¹

RESUMO: A construção da identidade individual passa, necessariamente, pelas relações que o sujeito estabelece com o contexto ao qual está inserido e a maneira como lida consigo mesmo, espelhando-as. Acreditando que produções literárias têm o poder de questionar estruturas do sistema a partir do gênero romanesco, o objetivo deste artigo é estudar a identidade da personagem contemporânea Irie Jones no romance *Dentes Brancos* (2003) onde a figura feminina e sua descendência étnica marcam sua dualidade ao longo da narrativa, fazendo-a buscar seu posicionamento ativo e conquistas pessoais que contestem o meio hostil a partir da personagem romanesca configurada por Fehér.

PALAVRAS-CHAVE: identidade; contexto social; emancipação; questionamento.

ABSTRACT: To build the personal identity requires relationships between the subject and the context in which this one is inserted and the way that this subject deals with him/herself, reflecting them. Regarding the belief that literary works have the power to question social structures through the novel gender, the objective of this study is showing the character Irie Jones in the novel *White Teeth* (2000), in which the figure of woman and her offspring point her duality along the narrative, making her search an active positioning and personal conquers to question the hostile environment coming from the novel character of hero structured by Fehér.

KEYWORDS: identity; social context; emancipation; questioning.

Introdução

A literatura entendida como produção artística humana influenciada e que reflete a sociedade é uma visão que agrada a muitos estudiosos e leitores, definindo a expressão artística com base na conjuntura em que o indivíduo se desenvolve. O fato de as produções literárias retratarem, de formas diferenciadas, a sociedade da qual fazem parte, é inegável. No entanto, tais influências sociais muitas vezes são consideradas suficientes para a análise literária em detrimento de outras questões artísticas.

¹ Mestranda em Estudos Literários na Universidade Estadual de Maringá. juli_rosado@hotmail.com



Assim, a opção pelo enfoque sociológico de uma produção literária requer o bom senso de pensar o trabalho em questão não apenas como um espelho do contexto no qual ele se insere, mas sim como um representante do momento da produção e como criação de um artista que expressa sua visão de mundo e faz valer a sua voz diante do que o cerca. As influências literárias exercidas pela sociedade acabam constituindo, então, um elemento de configuração de alguns aspectos encontrados em literatura, mas não o único. E como aponta Candido (1985), o elemento social considerado externo passa a se tornar, então, constituinte interno da produção que se vale dele em sua própria constituição.

Nesse estudo contemplaremos alguns entre muitos estudiosos que relacionam literatura e sociedade, como o já citado Antonio Candido e Ferenc Fehér e sua releitura de Georg Lukács, além das reflexões do sociólogo Boaventura Sousa Santos a respeito da contemporaneidade refletido no romance *Dentes Brancos* (2003)². Buscamos, ainda, semelhanças entre um pensamento especialmente sociológico a respeito da contemporaneidade e uma teoria literária que contemple o momento presente e o desenvolvimento do capitalismo refletido na literatura na configuração do gênero romanesco como resultado da nova ordem estabelecida pelo capitalismo e surgimento da burguesia.

1- A pós-modernidade de Sousa Santos

Partiremos, nesse trabalho, do princípio que a análise literária sociológica baseia-se na concepção que

a literatura não é um fenômeno independente, nem a obra literária é criada apenas a partir da vontade e da 'inspiração' do artista. Ela é criada dentro de um contexto; numa determinada língua, dentro de um determinado país e numa determinada época, onde se pensa de uma

² *Dentes Brancos*, publicado no Brasil em 2003, tradução do romance da autora inglesa Zadie Smith, *White Teeth*, publicado na Inglaterra em 2000.



certa maneira; portanto, ela carrega em si as marcas desse contexto. (SILVA, 2009, p. 177),

contexto este que pode ser revelado e analisado a partir do retrato que recebeu no trabalho em questão, com o poder de confirmar valores ou questionar estruturas previamente aceitas do que é retratado.

A teoria do projeto da modernidade do sociólogo Boaventura Sousa Santos (1994) estende-se pela divisão desta época em três períodos, dentre os quais o momento presente constitui uma extensão da terceira fase iniciada aproximadamente a partir do final de 1960, em países capitalistas desenvolvidos. Esse período caracteriza-se pela desorganização e colapso de algumas estruturas enfraquecidas ao longo dos períodos precedentes, e a reflexão se complica ainda mais por não haver o distanciamento temporal propício para o estudo.

O eixo do pensamento estende-se, assim, sobre o fato de que o terceiro período é chamado de capitalismo desorganizado, em suas palavras, e concebido como uma era de transição e preparação para uma nova etapa (SANTOS, 1994).

O sociólogo estrutura seu pensamento sobre dois pilares chamados de pilar da regulação e da emancipação. O pilar da regulação estrutura as bases comunitárias das quais o indivíduo faz uso e busca sustentação. Pauta-se sobre três princípios: de Estado, mercado e comunidade. O pilar da emancipação agrega os outros três princípios: da arte e literatura, da ética e do direito e da ciência e técnica, respectivamente definidos pelo estudioso como as lógicas de racionalidades estético-expressiva, moral-prática e cognitivo-instrumental (SANTOS, 1994).

As estruturas sociais regulam a atuação individual dentro do sistema comunitário, como os princípios de Estado, mercado e comunidade, oferecendo ao indivíduo segurança e um sistema previamente estruturado que o acolha, mesmo regulando sua conduta e delimitando sua atuação, mas que oferece, ao mesmo tempo, o ambiente social do qual ele pode fazer parte e sentir-se comunitariamente seguro.



Baseado na importância do pilar da regulação, o pilar da emancipação equilibra o sistema ao oferecer ao indivíduo maneiras de se expressar e manter certa individualidade dentro sistema maior que o regula. Mesmo com práticas cerceadas as lógicas emancipadoras de Santos (1994) garantem ao indivíduo sua expressão pessoal, sua particular visão de mundo no campo da arte ao questionar ou sustentar valores sociais do qual se influencia na vida pessoal ou percebidos no sistema comunitário, da mesma forma que a ética e o direito permitem e obrigam que escolhas e atitudes sejam tomadas individualmente em prol do bem comum, enquanto a ciência e técnica ampliam o desenvolvimento isolado, estruturado sob interesses da comunidade, com o objetivo de progredir em direção à maior eficiência e rapidez na obtenção de resultados auxiliando e dinamizando a vida social e individual.

Ainda para Santos (1994) os princípios de cada pilar interligam-se em suas existências, marcando uma relação, onde

A racionalidade estético-expressiva articula-se privilegiadamente com o princípio da comunidade, porque é nela que se condensam as ideias de identidade e comunhão sem as quais não é possível a contemplação estética. A racionalidade moral-prática liga-se preferencialmente ao princípio de Estado na medida em que a este compete definir e fazer cumprir um mínimo ético para o que é dotado do monopólio da produção e da distribuição do direito. Finalmente, a racionalidade cognitivo-instrumental tem uma correspondência específica com o princípio do mercado, não só porque nele se condensam as ideias de individualidade e da concorrência, centrais ao desenvolvimento da ciência e técnica como também já no século XVIII são visíveis os sinais da conversão da ciência numa força produtiva (SANTOS, 1994, p.71)

Delimitando os pilares da regulação e da emancipação e a dialética de sua existência, Santos (1994) identifica traços elementares da chamada pós-modernidade, em especial o excesso e a contradição, onde o excesso de tentativa de vinculação dos valores contraditórios levam ao colapso de alguns fatores do projeto traçado para a modernidade, configurando uma terceira fase chamada de pós-modernidade em que o fator é exatamente a desorganização e o excesso



Se, por um lado, o enfraquecimento do poder regulador do Estado gera um consequente enfraquecimento do contrato social onde a lealdade individual é a base da troca pela segurança e estruturas oferecidas pela comunidade, por outro lado as lógicas emancipadoras estão cada vez mais disponíveis e quantitativas. A sociedade cada vez mais classista gera a possibilidade de maiores reações de inconformismo e indignação, ao mesmo tempo em que os problemas mais generalizados de outrora agora possam ser recolhidos à esfera da família ou empresas, e as mobilizações de grupos cada vez mais organizados alcancem resultados mais substanciais às suas reivindicações, pois

Todas estas transformações parecem apontar para uma desregulação global da vida econômica, social e política. Na verdade, nenhum dos princípios da regulação, quer seja o mercado, quer seja o Estado, quer seja a comunidade, parece capaz de, por si só, garantir a regulação social em situação de tanta volatilidade, mas o mais trágico que é que a articulação de todos eles no sentido de convergirem numa nova regulação parece ainda mais remota. (SANTOS, 1994, p. 81)

O estudioso vê, então, a dificuldade de completude do projeto traçado a partir dos pilares previamente estabelecidos, e pensa o momento atual, a pós-modernidade aceita por ele, como um período de transição onde uma nova ordem seja necessária a partir da criação de micro-estruturas que melhor racionalizem a vida contemporânea na busca de uma nova fase, pensando em mini-racionalidades que representariam os múltiplos em vez do todo, fazendo da da pós-modernidade numa ruptura com a modernidade, mas sim sua continuidade como período de transição.

Santos (1994) conclui, a partir daí, que a pós-modernidade criara uma dualidade inevitável onde

a pujança do capitalismo produziu dois efeitos complementares: por um lado, esgotou o projecto da modernidade, por outro lado, fê-lo de tal modo que se alimenta desse esgotamento e se perpetua nele. O vazio que ele produz é tão global que não pode ser preenchido no contexto do paradigma da modernidade (SANTOS, 1994, p.91)

o que leva à criação de seis guiões embasados na dualidade. São eles o saber e a ignorância, o desejável e o possível, o interesse e a capacidade, o solista e o coro configurados em o



alto e o baixo, as pessoas e as coisas e finalmente as mini-racionalidades e não as racionalidades mínimas (Santos, 1994) delineados para estabelecer uma nova ordem capaz de compreender e interpretar de maneira mais precisa o momento de transição, as quais funcionariam de forma local e múltipla para problemas globais, de acordo com sua conclusão: “Quanto mais global for o problema, mais locais e mais multiplamente locais devem ser as soluções” (SANTOS, 1994, p.99).

na busca pelo retrato ficcional literário, o foco deste trabalho é a recriação das visões de mundo na contemporaneidade, contando com as influências observáveis na trajetória da criação de uma determinada personagem. Salvando a importante diferenciação entre a realidade e o mundo ficcional, a estruturação de uma personagem, sob tais condições, revelaria não só a maneira como fora construída, mas ainda a percepção da criação em si nesse determinado momento, como teoriza Fehér.

2- O herói ambivalente de Ferenc Fehér

Tendo como foco a criação literária e de acordo com o estudioso de literatura Lucien Goldmann (1976), Georg Lukács desenvolveu em seu *Teoria do Romance* (1916), a análise do gênero baseada no fato de que um elemento primordial da nova forma é a existência de um herói problemático que busca valores chamados inautênticos configuradores implícitos do romance em si.

Entende-se, ainda, que se o herói de Lukács é problemático no sentido de não encaixar-se mais num contexto cheio de valores que o levam à ruptura entre herói e mundo, caracterizando tanto o herói como o contexto de forma degradada. Assim, a natureza do romance é dialética, pois trata-se de fazer parte do mundo do herói e romper com essa realidade, ou seja, o fato da ruptura ser insuperável torna-se parte constitutiva do gênero em si, degradando-o da mesma maneira que degrada o herói.

No entanto, outro teórico discípulo de Lukács vê tal rompimento do herói com o mundo não de forma problemática, mas sim constitutiva de uma ambivalência. Fehér



explicita que sua tarefa não é elucidar a problemática romanesca proposta por Lukács, mas sim medi-la, encontrando em lugar do termo problemática, a ambivalência (FEHÉR, 1972).

A teoria baseia-se, em princípio, na releitura do pensamento de Georg Lukács considerando que o herói romanesco é essencialmente formado pela dualidade de pertencer a um gênero no qual os fatores primordiais são essencialmente ambivalentes, na medida em que surgem dentro do gênero e ao mesmo tempo questionam sua estrutura formada a partir do contexto de sociedade capitalista burguesa. A ambivalência agora pauta-se no sentido de que o novo gênero surge a partir das bases manipuladoras das condutas humanas que o capitalismo originou em si, ao mesmo tempo em que exalta a sociedade social, criada e não-natural que a burguesia contesta, alcançando a emancipação individual, refletida no conteúdo e na forma do romance (FEHÉR, 1972).

O novo gênero, então, é analisado pelo estudioso em vários de seus elementos, os quais consequentemente ligam-se entre si para configurar o romance ambivalente. Interessa-nos em especial a figura do herói ambivalente, o qual é parte do gênero e carrega em si as características propostas pelo teórico. Ao começar pelo individualismo do herói dentro do meio ao qual se insere.

Sendo o romance contextualizado num ambiente nos quais os valores não são mais comunitários e que oferecem segurança ao herói, ele busca a criação de seu mundo por si só, e sua empreitada torna-se, ao mesmo tempo, incerta e desafiadora por sua possibilidade de emancipação e vencimento de barreiras. Se para Lukács, de acordo com Fehér, a segurança do herói na epopeia estava ligada à capacidade de identificação com o mundo, no romance essa segurança é abalada, mas não exatamente um problema, na medida em que possibilita ao herói transformar sua realidade e refazê-la, não somente sofrer sua insegurança, por isso o caráter ambivalente (FEHÉR, 1972, 16).

A capacidade de transfigurar sua realidade, agir sobre o mundo e criar suas possibilidades é inerente ao herói do romance, e a possibilidade de mudar o destino e criar situações e uma nova realidade impulsionam o herói a um novo futuro: “Esta orientação



para o futuro é a tendência original do romance, em conseqüência precisamente da atividade do herói do romance que funda seu próprio mundo” (FEHÉR, 1972, p.17).

A criação de seu próprio mundo leva o herói do romance à sua ação por si só. O herói existe sozinho e deve construir seu mundo em torno e em função de si mesmo, o que o leva às perturbações e progressos característicos do romance que surpreende o leitor e questiona verdades e pilares sociais, permitindo uma nova visão de mundo.

Nova visão do mundo esta que será refletida, também, na representação do trabalho. O herói tendo somente a si com o que contar aparece no romance com a obrigação de produzir e sustentar-se, o que reflete o contexto capitalista de produção e conseqüente independência, levando o gênero romanesco a elevar-se em mais um patamar: “É precisamente o ideal de autocriação que assegura [...] em princípio a todos os romances – uma supremacia puramente artística em relação a seu antigo concorrente” (FEHÉR, 1972, p.22).

Ao retratar a produção e o trabalho do herói e sua subsistência, o gênero do romance assume mais uma vez sua ambivalência, pois ao mesmo tempo em que o herói constrói-se sobre essa necessidade, as estruturas mais profundas do capitalismo acabam questionadas em seu imediatismo e necessidade de troca e lucro: “a esfera da produção e da regulação econômica se manifesta apenas nos *reflexos morais* da atividade objetiva e isto se dá cada vez mais preponderantemente.” (FEHÉR, 1972, p. 24)

Considerando estes os traços mais interessante mas não únicos apontados com relação à ambivalência do herói em Fehér (1972), a questão passa a ser a possibilidade de encontrarmos um herói ainda ambivalente no contexto contemporâneo nos moldes de Sousa Santos.

3- A heroína contemporânea Irie Jones

Considerando o papel exercido pelo contexto social ao qual o romance liga-se de acordo com seu enredo, uma das mais marcantes características desse ponto é a



configuração do herói ou as figuras das personagens, as quais carregam em si os valores sociais da época e do local que inspiraram a criação artística. Influências essas que refletem reafirmação ou contestação dos valores em questão.

Levando em conta a teoria de Sousa Santos, podemos perceber que alguns valores da modernidade tardia ou terceira fase do projeto da modernidade, aparecem no romance *Dentes Brancos* (2003) na constituição da personagem de Irie Jones, uma heroína contemporânea que revela a conduta de inquietude característica da contemporaneidade.

3.1- Descendência e nacionalidade

O fato de ser descendente de jamaicanos e nascida na Inglaterra molda uma das principais dualidades da trajetória de Irie Jones. Em princípio, ainda criança, o fato não apresenta a importância alcançada posteriormente. No entanto, com o passar do tempo, a mistura de nacionalidades que ela carrega em si a faz sentir-se incompleta. Irie simboliza a concentração e amadurecimento da nacionalidade da miscigenação sendo a terceira mulher das três gerações iniciada pela avó Hortense Bowden a partir da bisavó Ambrósia. Além disso, o resgate da descendência em Irie Jones a faz um símbolo que agrega e cuida da comunidade imigrante ao mesmo tempo em que valoriza esse cidadão de raízes estrangeiras.

As três gerações são ligadas à figura referencial da bisavó Ambrosia, submetida aos abusos que remetem à objetificação de culturas pela Inglaterra, onde a superioridade branca é atacada ao longo do romance e já revelada desde três gerações anteriores. Na quarta geração, Irie aparece vivendo o dilema de ser nascida em Londres, crescendo em meio à diversidade, em especial com o contato com a família Iqbal, mas ainda à procura da realização pessoal de buscar as raízes jamaicanas distantes de si.

Ainda adolescente, Irie começa a inquietar-se e busca usar o fato do término dos anos escolares para viajar e conhecer mais do que sua vida regulada entre a casa, a família, a escola e os amigos até então, ao mesmo tempo em que sonha em estabilizar-se



profissionalmente de forma a garantir seu futuro, marcando sua dualidade entre ficar e partir, pois

Queria fazer odontologia (trabalho não-manual! Mais de vinte mil libras por ano!), com o que todo mundo estava satisfeito, mas queria também tirar “meio ano de férias” no subcontinente e na África (Malária! Pobreza! Tênia!), o que conduziu a três meses de uma guerra aberta entre ela e Clara. Um lado queria financiamento e permissão, o outro lado estava decidido a não conceder nem um nem outro. (SMITH, 2003, p. 363)

A predisposição a seguir um futuro na busca por condições melhores socialmente regulam o pensamento de Irie Jones, ao mesmo tempo em que não a satisfaz plenamente, pois sua insistência em buscar as férias que lhe servirão para conhecer melhor a cultura jamaicana faz com que entre em conflito com a própria família. A necessidade de emancipação aparece, assim, no fato de não submeter-se ao contexto do qual faz parte, mas sim buscar valer sua vontade própria e necessidade de conhecimento, da mesma forma que o estudo promissor da graduação que lhe promete condições melhores para o futuro.

A necessidade de saber sobre as origens de sua linhagem confirma-se quando Irie rompe em definitivo com a os pais e busca a avó Hortense como refúgio, fato causado pela recusa da mãe Clara em auxiliá-la no descobrimento do que Irie considera importante. O episódio que remete ao rompimento de Clara com Hortense antes do casamento não aceito pela agora avó de Irie, um fato crucial que leva a futura jovem mulher, finalmente mãe, também, a optar por morar na Jamaica com a filha e a avó, e fecha o ciclo do auto-conhecimento e da emancipação que completa a figura de Irie Jones.

A aceitação por parte de sua avó Hortense, profundamente marcada pelo preconceito contra as misturas raciais sem aceitar o casamento entre o pai inglês e a mãe descendente jamaicana de Irie marcam a total emancipação da jovem, uma vez que sua avó a acompanha no desfecho da narrativa, sem a imposição da religião, a grande força que usara para regular a filha Clara, ou mesmo a respeito da bisneta, filha de Irie. A avó, antes altamente repressora da filha Clara, agora, com a neta Irie, assume o papel de refúgio, marcando a mudança da situação inicial para uma nova ordem. O alcance da emancipação é



simbolizado, assim, pela aceitação da avó em relação à neta. A mesma avó que simboliza, a repressão e rigidez religiosa e familiar para com a filha Clara muda completamente sua configuração com a neta Irie. Da mesma maneira, Hortense simboliza as raízes de Irie, pois é sua fonte de informações a respeito da bisavó Ambrosia e da Jamaica, objetivo buscado pela jovem ao romper com os pais, símbolos da Inglaterra onde nascera.

Vê-se, assim, na heroína Irie Jones que existe entre as esferas reguladoras da comunidade à qual pertence em oposição à emancipação que a personagem busca para sua satisfação pessoal, a ambivalência teorizada por Fehér (1972), discutindo a presença de uma personagem originada em um determinado contexto e que o recria e questiona. Irie não aceita compartilhar de uma sociedade branca ou miscigenada simplesmente como um membro dela, mas busca suas origens mais profundas no contexto mais amplo, como descendente da Jamaica, em paralelo com a célula familiar, como bisneta de Ambrosia.

A demarcação da heroína ambivalente de Fehér (1972) acompanha, dessa maneira, a dualidade construída ao longo do trajeto de Irie Jones por entre o contexto social e familiar dos quais faz parte. Surgida em meio a tais contextos e desenvolvida neles, a personagem recria sua trajetória, questiona estruturas como parte funcional do romance contemporâneo que não somente afirma as bases sociais ao qual se liga, mas oferece diferentes visões e possibilidades de uma realidade circundante por meio da surpresa em não adaptar-se cegamente a ele.

3.2 – A figura feminina de Irie Jones

O foco sobre a figura de mulher desempenhada por Irie Jones ao longo do romance é o retrato de uma jovem mulher atormentada pela inadequação do seu físico em um contexto que valoriza o padrão de mulheres jovens, brancas, magras e de cabelos lisos. A Inglaterra da atualidade enfatiza a figura de beleza feminina com base no estereótipo ocidental e branco, marcando a atração do descendente Millat, a grande paixão da



adolescente, o qual demonstra interesse por garotas que se encaixam nesse padrão, mesmo que ele próprio não esteja adequado a eles.

Ao compararmos, assim, o fascínio exercido por Millat Iqbal sobre as mulheres, como para a inglesa Joyce Chalfen, as características de rebeldia e a excentricidade de ser descendente agregam força ao apelo sexual exercido por ele. O ar de mistério e diferença de Millat lhe conferem um poder que Irie não consegue exercer como mulher. Mesmo que o inglês Marcus Chalfen encante-se com seu físico, a visão objetificada de mulher salta aos olhos sem a mesma autonomia da qual a masculinidade é, de certa forma, conferida ao rebelde descendente muçulmano.

A dualidade entre sua origem ser pautada na figura feminina e com traços de descendente jamaicana e ao mesmo tempo, não pertencer aos padrões de beleza e sofrer com esse fato fazem com que Irie Jones apresente uma nova ambivalência. Imprescindível para a criação de sua personalidade insatisfeita com o próprio corpo, o fato de ter mais quilos do que gostaria e o cabelo crespo a fazem sofrer com relação ao meio, em especial na recusa de Millat em enxergá-la como uma mulher, e não somente como uma irmã ou amiga, como a objetificação de Marcus Chalfen, para quem trabalha, que a vê como um símbolo de atração física mas sem grandiosa capacidade intelectual, e ainda desde cedo, na escola, onde era uma figura diferente:

A moça tinha peso: peitos grandes, nádegas grandes, cadeiras grandes, coxas grandes, dentes grandes. Pesava oitenta e dois quilos e meio e tinha treze libras na poupança. Sabia que era o público-alvo (se alguma vez existira um), sabia muito bem, enquanto caminhava pesadona para a escola, a boca cheia mastigando um sonho, apertando os pneus entre os braços, que o anúncio falava a ela. Falava *com* ela. PERCA PESO (estava dizendo) E GANHE DINHEIRO. Você, você, *voce*, senhorita Jones (SMITH, 2003, p. 260)

O fato de não pertencer aos padrões de beleza perturbam Irie a ponto de deixá-la obcecada pela aceitação do rapaz por quem é apaixonada, o que necessita mudanças drásticas em sua aparência. A visita ao salão para mudar o cabelo faz com que ela perca o cabelo original e recorrer ao aplique é a solução mais imediata que encontra, mas quando



criticada a respeito de sua atitude, a jovem percebe como está recusando sua própria característica da descendência e aumentando ainda mais seu vazio em relação à identidade. Dessa forma, a antes menina, agora mulher, percebe seu valor e entende mais seus desejos, assume posição ativa ante a realidade e recria seu mundo, optando por novas formas, como a mudança para a casa da avó em busca de informação sobre seu passado e finalmente, assumindo sua identidade de descendente, indo para a Jamaica.

A causa de sua insegurança, portanto, passa por sua própria recusa aos traços físicos, levando-a a sustentar o preconceito contra suas características pessoais, aumentando a regulação de desigualdade que sofre de fora, do ambiente, para dentro de si mesma: “Mas Irie não sabia que era vistosa. Havia na Inglaterra, um espelho gigantesco, e havia Irie, sem reflexo. Uma estranha numa terra mais estranha.” (SMITH, 2003, p.260)

Ao considerar que o contexto social exclui o indivíduo que não se encaixa, também, aos seus padrões de beleza e consegue exercer influencia tal sobre ele a ponto de fazê-lo tomar drásticas atitudes em busca de maior aceitação social, percebemos como Irie Jones reflete a essência do romance como narrativa de denúncia da desigualdade e do preconceito quando, ao invés de afirmar a posição de estranha da personagem, esclarece que sua atitude de curvar-se ao estereótipo padronizado causa danos à personalidade, o que a leva a mudar de atitude e recriar seu mundo a partir da aceitação de si mesma e novo posicionamento diante da adversidade do ambiente, posição reforçada pelo posterior interesse de Joshua Chalfen, com quem por fim relaciona-se no desfecho da narrativa. Desfecho esse que liberta Irie da recusa social vivida na Inglaterra ao mesmo tempo em que a une com um símbolo inglês, Joshua Chalfen, fazendo ele mesmo romper com sua terra natal ao acompanhá-la ao Caribe.

A força do episódio no qual Irie percebe sua própria recusa de si mesmo faz com que a crítica a respeito de sua atitude seja ainda mais intensa: “ – Eu preciso de cabelo – retrucou Irie. A mulher sacudiu a cabeça. – Mas você *tem* cabelo – disse.” (SMITH, 2003, p. 275), relegam à própria personagem o poder de emancipar-se e recriar sua realidade, combatendo o meio inóspito e garantindo seu desenvolvimento e amadurecimento, não só



por meio de suas ações na narrativa, mas na estrutura mais ampla do texto como um todo que exerce seu papel contestador.

A amplitude da estrutura da narrativa que combate as estruturas que regulam o ambiente da personagem pode ser vista em outros aspectos ligados à condição feminina, como por exemplo, na paixão por Millat Iqbal e no papel de funcionária de Marcus Chalfen. Em ambos os casos, importa perceber o que a incomoda e se há uma postura de questionamento dessa condição, na busca por um lugar diferente, que não o de passividade, enquanto mulher.

Da mesma forma que o aspecto físico fora dos padrões sociais e das origens conferirem insatisfação à personagem, a inquietação intelectual acompanha Irie desde o momento em que ela começa a participar do mundo do cientista Marcus Chalfen e é o que provavelmente a leva a aspirar pretensões a respeito da universidade de odontologia:

Irie sorriu para Marcus em agradecimento. Parecia quem era Marcus que a notava. Era Marcus quem a ajudara naqueles quatro meses em que seu cérebro mudara de algo pastoso para algo sólido e definido, à medida que, aos poucos, ela se familiarizava com o modo de pensar dos Chalfen. Ela considerara isso um grande sacrifício por parte de um homem ocupado, mas, mais recentemente, perguntava a si mesma se não haveria nisso algum divertimento. Como, talvez, observar um cego tatear os contornos de um novo objeto. Ou um rato de laboratório descobrir um labirinto. De qualquer forma, em troca da atenção dele, Irie começava a ter um interesse, no início estratégico, depois autêntico, no Camundongo do Futuro (SMITH, 2003, p. 326)

O encantamento pelo mundo da ciência e da pesquisa, impulsionando Irie para o futuro, choca-se com o interesse pelo passado da Jamaica e marca a oposição entre passado e futuro também no que tange à intelectualidade. Contraditoriamente, a ciência inglesa do presente choca-se pelo outro encantamento pelo passado, de raízes, mais concretas do que as análises e o futuro promissor:

De modo que voltou correndo para o número 28 de Lindaker Road, em Lambeth, aliviada por estar num casulo, e estava tão curiosa quanto todo mundo para ver que tipo de Irie surgiria. Não era nenhum tipo de prisão. Aquela casa era uma *aventura*. Em guarda-louças, gavetas esquecidas e



molduras encardidas encontravam-se os segredos guardados havia muito tempo, como se segredos estivessem fora de moda (SMITH, 2003, p. 385)

O papel de mulher delinea-se, portanto, em mais uma faceta, a da intelectualidade. A heroína que acredita em sua capacidade intelectual para garantir mais que a vida familiar em uma realidade restrita impulsiona-se, a partir das influências que recebe do trabalho, a alcançar uma condição socialmente mais reconhecida no contexto em que se insere. Ao mesmo tempo, praticidade dos fatos de seu passado e os segredos relativos a ele a fascinam a ponto de fazê-la optar pelas raízes ao final de sua trajetória. O abandono da ciência, o rompimento com os laços com a Inglaterra consequentes da opção por cuidar da filha, vivendo com a avó e o amante Joshua a vida no Caribe garantem a Irie o final de escolha pela vida de volta à do futuro. O papel de mulher, então, reflete a variedade de opções com a qual ela está em contato ao longo de toda a narrativa, em Joshua como amante inglês escolhido, a avó que representa as gerações que lhe dão história e passado, a filha, fruto da relação com os irmãos descendentes bengali.

A variedade de possibilidades do momento presente é marcada de forma tão intensa ao final da narrativa e com relação à Irie que os pilares antes delineados ficam menos evidentes do que a variabilidade e multiplicidade. Presentes ao longo do texto, tais possibilidades intensificam-se ao final, como encerramento propriamente dito, retratando um contexto real de mistura e micro-sociedades interligadas que pressupõe uma nova abordagem do sistema social mais amplo da contemporaneidade, mas ligadas à ideia de comunidades antes apresentada. Momento esse que origina uma personagem inserida em um meio de variedade e possibilidades ao mesmo tempo em que a perturba, originando, ao mesmo tempo, uma figura feminina que age sobre sua realidade questionando estruturas e valores fortalecidos pela conduta passiva de outrora.

Considerações



O estudo do retrato de uma identidade contemporânea em uma obra literária passou pela configuração do contexto social onde a obra está inserida e as relações entre o contexto e o retrato do mesmo na produção artística em questão, adotando o princípio de Candido (1985) ao teorizar sobre como a crítica sociológica busca estudar a dialética estabelecida entre o trabalho literário e a sociedade ao qual ele se relaciona, estruturando uma relação de troca de influências na qual tanto a obra literária influencia a sociedade quanto é influenciada por ela.

Tal troca de influências permite que a obra literária espelhe condições do mundo real assimiladas pelo sujeito e que contribuem para sua identidade em constante transformação, passível de transformar-se de acordo com a individualidade do sujeito e a relação dele com o meio ao qual se insere.

No caso de Irie Jones, a forma como ela é delineada com relação ao meio multicultural da cidade onde mora e a ambivalência primordial de ser nascida na Inglaterra com raízes caribenhas a leva à inquietações caracterizadas por Sousa Santos enquanto sujeito social, em constante dualidade entre fazer parte de um sistema inóspito que não a acolhe verdadeiramente em sua condição de descendente e de mulher. Ao mesmo tempo, tal inquietação a faz reagir a ele, afirmando sua condição de indivíduo emancipador na busca por conhecer-se e satisfazer-se nos anseios que realmente a preenchem como indivíduo com passado e presente, guiando seu futuro em sua filha, símbolo maior de mistura e igualdade em todo o romance.

Da mesma forma que Féher estrutura o herói ambivalente sob os traços de pertencimento a um determinado ambiente ao mesmo tempo em que o questiona, Irie Jones ilustra, com suas dualidades, o sujeito contemporâneo agente e originado a partir das influências do meio. O papel da literatura passa a ser, então, o de questionar as estruturas que continuam a escravizar, de certa forma, pessoas sob um sistema baseado na diferença muito mais do que na igualdade. Em especial em *Dentes Brancos* (2003), onde as diferenças continuam como uma extensão do império britânico eurocêntrico que subjugava outros povos pela cor da pele, procedência e gênero, a presença de uma personagem que combate



tais estruturas cumpre seu papel formador de independência intelectual, em um dos seus traços como romance.

Assim, o pensamento fundamental recai sobre o fato da autoridade da produção em questionar a regulação social e as estruturas profundas do contexto a partir da construção de uma personagem, derrubando a posição passiva do sujeito por terra quando o questionamento promovido pela configuração da identidade confronta o sistema ao qual ele se insere. Sua maturidade e individualidade garantem a dialética entre as relações do meio e do indivíduo, o qual passa a ter o poder de transformar a si mesmo enquanto contesta o sistema que o insere, garantindo a constante construção de sua própria individualidade, e de forma otimista, do próprio meio, pois “a identidade é realmente algo formado, e não algo inato [...] Ela permanece sempre incompleta, está sempre ‘em processo’, sempre sendo formada”. (HALL, 2000, p. 38).



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 7. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1985.

FEHÉR, Ferenc. **O romance está morrendo? Contribuição à Teoria do Romance**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1972.

GOLDMAN, Lucien. **Introdução aos problemas de uma sociologia do romance**. In: **A sociologia do romance**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

SILVA, Marisa Correa. **Crítica sociológica**. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lucia O. (Orgs). **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3. ed. rev. e amp. Maringá: Eduem, 2009.

SMITH, Zadie. **Dentes brancos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. 517 p.

SOUSA SANTOS, Boaventura. **O social e o político na transição pós-moderna**. In: **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. 5. ed. Porto: Edições Afrontamento, 1994.